

# PATRICK MODIANO "COM O NOBEL POSSO COMEÇAR DO ZERO"

ARTES PÁGS. 34 A 37

---

# Patrick Modiano

## “O Nobel deu-me a possibilidade de poder começar do zero e partir para novos temas”



O anúncio do Prémio Nobel da Literatura de 2014 surpreendeu até os franceses, afinal Patrick Modiano não é um escritor que se ponha em bicos de pés para obter visibilidade pública. Resguarda-se e recusa-se a revelar a sua intimidade, mesmo que surpreenda nesta entrevista exclusiva que deu há dias em Paris, num longo final de tarde. **Por João Céu e Silva**



O que pensar de um prémio Nobel que diz ter aprendido como os empregados de uma empresa de mudanças a domar a escrita? Ouçamos o que Patrick Modiano tem a dizer: “Houve uma altura em que estava tão crispado com a escrita que só escrevia duas frases por dia. Então, observei uns homens que carregavam caixotes muito grandes numa mudança que estava a acontecer no meu prédio e questionei-me como eram capazes de levantar tamanho peso. Perguntei a um deles como o conseguia, que explicou ser necessário colocar o corpo numa certa posição e tudo ficava mais fácil. Foi quando percebi que era como o esforço da escrita, quando o livro cria grande tensão a quem o escreve e nem se sabe que posição tomar ou até como respirar. Um alívio do homem das mudanças que não esqueço.”

O prédio onde Modiano vive fica numa avenida do Quartier Latin em Paris, ao lado de vários alfarrabistas, e é de construção muito antiga. Tem um pé-direito superior a quatro metros e a porta de entrada para o apartamento é suficientemente alta para que o metro e noventa e sete que o escritor mede passe entre as ombreiras sem roçar com a cabeça, como lhe deverá acontecer frequentemente. A mesma porta que tem uma faixa de tecido – à antiga – que ao ser puxada faz tocar um sino a anunciar a chegada dos visitantes.

O som da campanha ecoa no interior da casa como os passos de Modiano quando atravessa as divisões. Não atenderá o telefone durante a entrevista – não tem telemóvel – e opta por ficar num sofá vermelho espaçoso, mesmo que raramente se encoste à almofada pois este tipo de conversa sobre si e os livros provoca-lhe alguma tensão. Apesar de disponibilizar mais de duas horas para a entrevista e aceitar tirar fotografias sentado à mesa de trabalho, enquanto o entardecer parisiense caía e tudo ficava de noite.

Patrick Modiano não é um entrevistado fácil, afinal detesta a vida social que a literatura proporciona. Dizem que é *snob*, mas o que mais parece ser é guardião da sua privacidade enquanto escritor. Tanto assim que deve ter sido o único prémio Nobel da Literatura que se re-

cusou a fazer um périplo após o anúncio e participar no circuito habitual de deslocações ao estrangeiro em que a adulação ferve. No entanto, se o seu aspeto é o de um cavalheiro respeitável, durante a conversa confirma alguns dos maus comportamentos que teve na juventude, como o de ter fugido duas vezes do colégio onde estava como interno. Há outras histórias sobre estes tempos de adolescente, como o de se ter incompatibilizado def-

nitivamente com o pai aos 17 anos ou de roubar livros para vender posteriormente e assegurar o sustento da mãe abandonada pelo pai.

Também comenta o jornal que o está a entrevistar ao recordar que comprou nos *bouquinistes* à beira do rio Sena um álbum sobre uma visita da rainha de Inglaterra que o DN editou nos anos 1950. Em troca, conto-lhe que deve ter sido dos poucos jornais que entrevistaram Hitler. Ri-se, ele que tomou o tema da ocupação alemã como eixo central de toda a sua obra desde o dia em que em 1968 publicou o primeiro romance: *Place de l'Étoile*.

Patrick Modiano teria então 20 anos segundo a biografia que a editora Gallimard disponibilizou, ou 22 de acordo com a certidão de nascimento, e fez um livro “arrogante e próprio da juventude”, que entretanto aligeirou nas provocações aos judeus ao publicar uma nova versão. Nascido a 30 de julho de 1945, tinha pouco mais de um mês quando a 2 de setembro o Japão se rende e é declarado o fim oficial da Segunda Guerra Mundial. Mas esse conflito vai marcá-lo para sempre como se fosse vítima da radioatividade das bombas nucleares deitadas sobre Hiroxima e Nagasaki, deixando numa obra com meio século a presença constante da ocupação de Paris pelo Terceiro Reich, do colaboracionismo e do holocausto. Co-

### DN rápido

Patrick Modiano não utiliza o computador, mas considera que desse modo evitaria as repetições que encontra.

Para o escritor os romances são como os filhos: “Crescem e querem livrar-se dos seus pais logo que possam.”

Aos 17 anos deixou de ver o pai por decisão própria. Quanto à mãe, definiu-a como “seca” e pouco maternal.

» Paris A sala de estar do escritor é forrada a livros em três das paredes. Na quarta, as janelas não têm os cortinados corridos, permitindo ver o pátio interior do antigo edifício onde vive no centro da capital francesa



mo se essa possibilidade de argumento não fosse suficiente para um único romance, Modiano vai espraí-lo por mais de trinta livros como se cada um fosse o capítulo de um único romance em construção e criar um adjetivo – modianesco – que define as suas personagens.

Uma teimosia num tema literário que se tornou estranha para muitos, mas que lhe concedeu o Prémio Nobel em 2014, para surpresa do mundo e do próprio: "Sempre pensei no Nobel como um prémio para os grandes mestres do pensamento, como Albert Camus." A humildade da afirmação confunde-se com a mesma que adota quando se questiona o seu grande tema obsessivo, justificando o poder da memória desses primeiros anos de vida até à adolescência como suficientemente forte para o orientar no mistério que é cada início de romance.

Uma memória que se confronta com os cheiros das casas dos amigos onde os pais o debavam amá-lo, as vozes dos adultos em código, os nomes estranhos que tinham e que o tempo foi deturpando... Uma memória que no ano passado comprovou estar a desaparecer numa Paris em constante mutação arquitetónica ao notar que os Campos Elísios estavam diferentes daquilo que conhecera... Uma memória que é recuperada ao darem nome a uma rua com o título de um livro seu, *Dora*

*Bruder...* Uma memória que, num golpe de teatro a meio desta entrevista, ele próprio parte em mil pedaços ao declarar que poderá abdicar da sua vida literária como até hoje aconteceu e partir do zero aos 70 anos naquilo que de agora em diante irá escrever.

**Antes de falarmos dos livros, digame como chega a títulos tão cativantes como os das suas capas?**

Também gosto deles, mesmo que cada vez me seja mais difícil encontrá-los. Quando era mais jovem, talvez por alguma inocência, conseguia os títulos mais facilmente.

**Fala de inocência, mas o seu livro de estreia – *La Place de l'Étoile* – é tudo menos isso. Mordaz...**

É um livro estranho porque escrevi-o muito jovem e com o passar dos anos tornou-se forçosamente datado. Quando se tem aquela idade, com alguma precocidade, pode ser-se um génio para a poesia – Rimbaud adolescente, por exemplo –, mas na prosa é muito mais difícil.

**O que origina aquela provocação?** Deveu-se ao facto de na França dos anos 1960 pouco se falar sobre o que tinha acontecido na ocupação alemã ou a deportação dos judeus. Não fora apagada, mas havia muito poucos livros, daí esse lado da provocação. É como quando estamos aborrecidos com alguma coisa e é preciso um grande empurrão para

## O protagonista

*Patrick Modiano recusou em tempos o convite para ser um dos imortais da Academia Francesa.*

*A justificação é esta: "É um lugar que não diz respeito apenas a escritores, mas onde sempre estiveram generais e religiosos.*

*No século XIX nem sequer era permitido a romancistas como Balzac, que eram malvistas, apenas a poetas e dramaturgos.*"

*Esta não é uma inconfidência que tenha sido incluída no seu livro autobiográfico, *Un Pedigree*, em que se refere a si como "um cão que quer ter um certificado de registo".*

*Para Modiano, esse foi um livro em que hesitou sobre o que desejava escrever: "Quería falar de coisas que não eram íntimas e de coisas que me foram impostas na infância. Ou seja, era como criar um pedigree.*

*Ser-me-ia difícil escrever uma autobiografia porque nunca seremos honestos quando falamos de pessoas que conhecemos. Ter uma postura autobiográfica foi-me difícil porque receava cometer certas injustiças nos comentários, daí que prefira a ficção, em que é mais simples estar muito mais próximo da verdadeira autobiografia."*

*Modiano ainda refere que os livros não deveriam ter o nome do autor na capa: "Era o ideal."*

alterar a situação. Era essa provocação a primeira coisa a fazer. Quanto à violência do livro, era um truque para soltar a minha incomodidade.

**É um romance antigo mas que continua a ter muitos leitores?**

Não diria que seja exatamente um romance, antes um panfleto resultante das leituras à época. E é estranho, porque pretendia escrever um livro muito diferente, aliás iniciaria um primeiro romance aos 16/17 anos que nada tinha que ver com esse tema mas sim muito inspirado na história de amor de Raymond Radiguet, *O Diabo no Corpo*. Infelizmente, perdi o manuscrito já com mais de cem páginas e divergi para um começo muito menos clássico.

**A sua carreira literária ficou decidida com esse livro. Lamenta?**

Não, mesmo que me tenha confrontado com o facto de os jovens da minha idade nessa altura se interessarem mais pela política do que pelo que este livro falava: a ocupação alemã e o passado da França.

**Logo num ano em que tudo muda na sua rua com o Malo de 68!**

O clima estava tão agitado que só pensei que o livro iria passar despercebido, mas não foi o que aconteceu. Lembro-me de que comprei o jornal onde saiu o primeiro artigo sobre o livro num quiosque da Rua Gay-Lussac, onde nessa mesma noite houve os confrontos mais violentos do Malo de 68.

**E torna-se escritor para sempre?**

Tentara inscrever-me na Sorbonne para ter um adiamento ao serviço militar e também na Faculdade de Medicina, mas concluí que não podia fazer outra coisa senão escrever.

**Já fugira da escola...**

Eu não tinha uma vida familiar normal, estava sempre em colégios internos desde que era criança, pelo que fugi algumas vezes. Até que acontece o momento em que achei ser tempo de fazer alguma coisa.

**Ao vê-lo, nunca imagináramos que era capaz dessas asneiras...**

Era uma época estranha bizarra e, como em França a maioridade só acontecia aos 21 anos, até essa idade tudo me era interdito. Daí que entre os 17 e 21 anos tenha vivido essa época bizarra, como um mergulhador que tentava chegar à superfície. Escrever tornou-se uma questão de sobrevivência então.

**Nunca imaginou chegar ao Nobel?**

Nunca, nem mesmo no ano passado. Para mim, o Nobel está ligado a memórias antigas, às da sua entrega a Curium ou à recusa de Jean-Paul Sartre. Ou a Hemingway, que vi numa rua de Paris quando ia de mão dada com a minha mãe. Ficamos prisioneiros dessas memórias, tanto que receber o Nobel parecia-me algo impossível.

**Mas acredita no valor da sua obra?**

O que o tornava impensável devia-se a ter sido dado a franceses que

eram tão pensadores como escritores, cuja voz se elevava de forma interventiva no espaço público, como Romain Rolland e Anatole France. Os ingleses não gostaram que tivesse ganho o Nobel e até disseram que era um "escritor obscuro".

Quando comecei a escrever, tanto os editores ingleses como os americanos eram pessoas que pertenciam a uma geração que tinha origem europeia. Em Hollywood, os realizadores iam da Alemanha e os atores de Inglaterra. E a literatura francesa ainda tinha grandes valores para a geração dos anos 1930 e do pós-guerra. Depois, tudo mudou e, por exemplo, a língua francesa deixou de ser falada na América do Sul. Ninguém mais estuda o francês.

**O Nobel muda sempre a vida do autor. Mantém a personalidade?**

Como comecei a escrever há 50 anos já passei por muitas coisas que mudaram nas duas ou três gerações com que convivi. O que há de novo é a pressão que vem com o Nobel. É como um choque elétrico! A partir do anúncio senti que me desdobrei em duas pessoas.

**Continua a escrever nesta mesa?**

Sim, mesmo que o faça em todo o lado pois ando sempre a tomar notas, seja na rua ou no metro.

**Ainda escreve à mão?**

Sim, é muito difícil não sentir o toque do papel. O computador chegou tarde para mudar de hábitos.

**Quando regressa à escrita ainda tem a liberdade anterior ao Nobel?**

Sim, mesmo que me lembre do que dizia um escritor americano sobre os que recebiam o Nobel: a partir daí poucos faziam alguma coisa de bom. Era uma época em que o prémio era dado a pessoas com uma certa idade e o que penso é que o Nobel pode ao mesmo tempo dar a possibilidade de um reconhecimento e de se encontrar uma virgindade completa. Porque temos a impressão de que podemos começar do zero, o que é muito estranho.

**Não vai agora mudar a temática de toda a sua obra?**

Não sei... Inconscientemente, gostaria de mudar um acontecimento destes provoca um clique tão estranho que posso estar perante um corte. O Prémio Nobel deu-me a possibilidade de poder começar do zero e partir para novos temas.

**Então, está num cruzamento em que se questiona sobre se continuará a escrever como até agora ou se vai recomeçar tudo do zero?**

Isso mesmo. Já não estou condenado a escrever todos os dias a mesma coisa. Até posso fazê-lo, mas de modo diferente do que até agora porque este momento do Nobel é como uma metamorfose. Pode escrever-se sobre as mesmas coisas, mas de forma diferente, e descobrir outro modo. Um acontecimento destes provoca um electrochoque capaz de me fazer partir noutra direção. Sim, porque se queremos continuar a escrever após o electrochoque é-se obrigado a procurar um novo caminho.

**No entanto, ao ler-se a sua obra podemos achar que cada livro é o capítulo de um grande romance...**

É verdade, porque há uma ligação direta à nossa época, onde não se podem fazer as coisas senão de forma fragmentada. Os livros estão ligados e, se utilizássemos um computador, poder-se-ia uni-los todos e organizá-los como melhor ficassem. Até porque repito ideias que esqueci ter já escrito, o que confirma o facto de serem fragmentos.

**Tem livros em que as personagens desaparecem. É um truque literário para reaparecerem noutro?**

É verdade que às vezes isso acontecerá de forma inconsciente. No último livro há duas personagens que desaparecem bruscamente, mas é preciso ver que tal acontece nas nossas vidas quando as pessoas que conhecemos desaparecem do nosso convívio.

**Após o Nobel costumam multiplicar-se as edições em todo o mundo. Também lhe aconteceu?**

O mais estranho é o interesse do leitor de fora da Europa, os da China e do Japão. Contudo, antes do Nobel tinham sido contratadas traduções para países pouco habituais, o que fez perguntar-me a razão de quererem ler-me em países distantes.

**Depois do anúncio, é habitual correr-se o mundo. Porque não o fez?**

Houve solicitações, mas... Há uma situação que todos os escritores experimentam, que é a de os livros depois de terem sido escritos não quererem mais o autor. Como se a personagem do homem que escreveu o livro preferisse que o autor não existia. Além de que é difícil falar dos próprios livros, afinal são os leitores que mais sabem dele e não o autor.

**Preocupa-se com o leitor jovem?**

Os mais novos têm temas em certos livros que podem interessá-los, mas agora com o computador eles não precisam mais dos meus livros.

**Era impossível pensar ler nos seus livros a palavra *iPhone*. É para conquistar esses jovens leitores?**

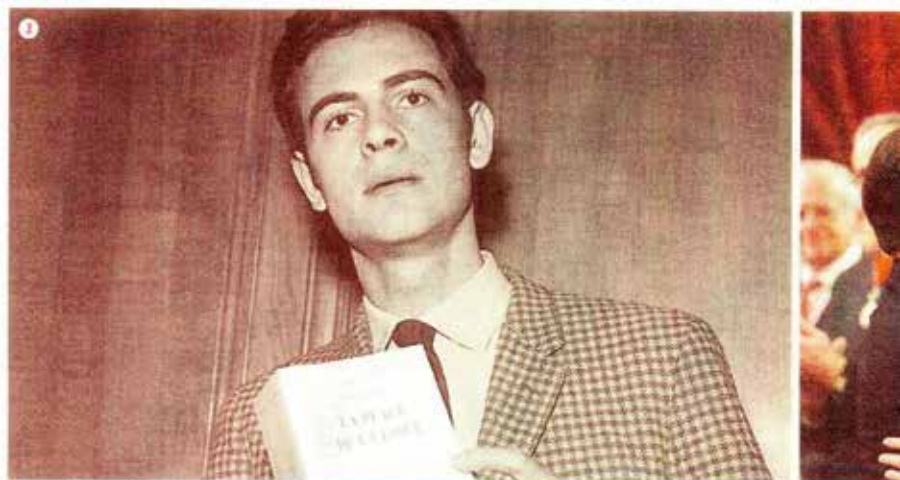
Não, é sempre em função da narrativa, para colocar as personagens noutro período de tempo.

**Em *Horizonte*, usa a internet para encontrar uma personagem. Foi uma novidade na sua obra e em si...**

É verdade, é uma mudança. No entanto, também comecei a usar a internet para procurar pessoas que queria saber por onde andaram, mesmo que descobrisse pouco sobre elas. Tentei encontrar pessoas do tempo em que era mais novo, quando os meus pais me confiavam a alguns amigos e eu não percebia quem elas eram ou onde ficava. É verdade que com o passar do tempo vejo que foi uma infância enigmática e foi isso que me deu o desejo de escrever. Procuo essa gente, quem eram e os seus detalhes possíveis, mas nunca tive muita sorte nas minhas buscas virtuais. Essas pessoas não deixaram rasto.

**Pode dizer-se que é filho dos seus pais por duas vezes: biológica e para a vida literária?**

Concordo, porque tenho sempre a impressão de que, por ter nascido logo ao seguir à Segunda Guerra Mundial, os meus pais se conheceram num período conturbado e fui



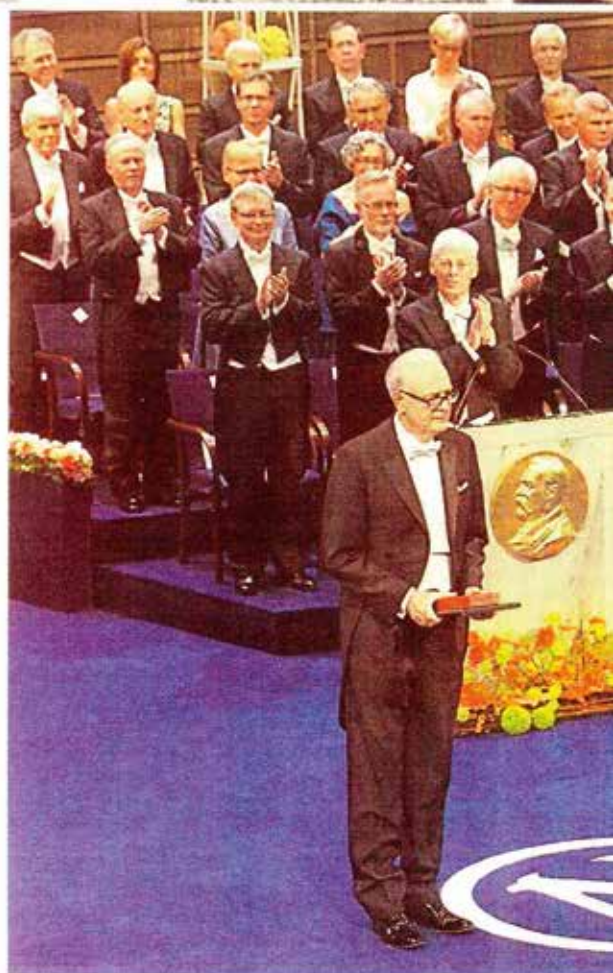
1. Patrick Modiano aparece na cena literária francesa em 1968, com La Place de l'Étoile.

O manuscrito fora entregue um ano antes na editora Gallimard e chega às livrarias durante os confrontos do Maio de 68.

Modiano achou que o livro estava destinado ao esquecimento perante a conjuntura política e social

2. Com o presidente François Hollande durante a imposição da Legião de Honra, em fevereiro de 2015

3. Na entrega do Prémio Nobel, em Estocolmo, a 10 de dezembro de 2014



fruto do acaso. Se não houvesse a guerra não existiria! Essa sensação continua pela infância, envolto em muitas situações enigmáticas, de que resultou uma vida literária.

**Quando tinha 5-6 anos ainda se sentia a presença da guerra?**

Sim, existia uma presença que pairava. Lembro-me de a minha mãe me ter deixado na casa de uns amigos, nos arredores de Paris, onde estava com amigos a jogar à bola e de termos encontrado um capacete alemão. Ou de, como não havia televisão, escutar na rádio as notícias sobre um processo numa vila francesa em que os habitantes foram massacrados durante a ocupação. Ouvi também conversas estranhas sobre os pais das crianças que tinham sido colaboracionistas. Tudo estava muito presente.

**Pode-se dizer que faz um trabalho de arqueologia literária?**

Sim, porque enquanto crianças não compreendemos bem o que se passa. Só mais tarde é que percebemos o lado misterioso que é preciso decifrar em frases que ouvi e que me dão vontade de escrever.

**Depreendo que é mais fácil pensar na sua mãe do que no seu pai?**

Sim, porque a partir dos 17 anos deixei de o ver e fiquei com muitas perguntas por colocar. Não sei se teria respondido ao que eu queria esclarecer sobre esse tempo complicado da guerra, só sei que ele ficou para sempre um mistério.

**Escreveu que a sua mãe era "seca". É um pouco duro dizer isso e nada maternal. Sempre tive a impressão de que não havia um laço familiar.**

**Sente-se um detetive?**

Muitas vezes, para escrever preciso do empurrão de uma investigação quase policial. Necessito de evidências físicas - pode ser um velho anuário - que me criem o senti-

mento de que estou à procura de algo que se perdeu e que tento recontrair. Muitas vezes nem me dou conta, é inconsciente.

**A maioria dos seus livros fazem perguntas mas não dão respostas. É verdade, mas creio que é isso que faz a diferença dos romances policiais a que às vezes se assemelham, porque esses têm sempre resposta.**



**Não há resposta ou não quer dar?**  
O que me estimula é ser empurrado por uma pergunta, querer manter uma tensão. É como se desse uma resposta à minha maneira.  
**Em Dora Bruder, sente-se a pressão constante. É fácil mantê-la?**  
O que me fascinou em *Dora Bruder* foi, no princípio, ter sobre ela somente um anúncio de um velho jor-

nal. Não pensei imediatamente no que poderia dar uma rapariga de 15 anos que fugira – como eu recordava as minhas fugas do colégio – nem sabia o que lhe acontecera sendo judia num clima de ocupação.

**Dora Bruder e outras personagens são fantasmas seus?**

Fantasmas ausentes e de quem quero reencontrar os traços que procuro para as personagens. Já tentei fazer uma lista de pessoas que conheci mesmo não sabendo o nome delas, ou de encontros fugazes com pessoas que se sentaram ao nosso lado no metro e a quem somos dez anos mais tarde apresentados sem lembrar desse momento. É um trabalho de feiticeiro apanhar esses fantasmas?

Com certeza, esses desencontros fascinam-me e é um aviso de que na vida é impossível conhecer todas as possibilidades de conjugar os nossos caminhos. É uma procura do tempo perdido que sempre me obcecava, tal como a questão do esquecimento.

**O esquecimento... Estão os historiadores a fazer o seu trabalho sobre essa época que o interessa?**

Creio que sim, mesmo que os historiadores só possam ter uma visão generalista e não de pormenor. Estes só podem ser percebidos pelo escritor através do seu lado visionário.

**Nos seus livros temos a questão dos judeus e da ocupação. Ainda interessa aos leitores este tema?**

É mais uma atmosfera com sentido histórico que procuro, apesar de ao mesmo tempo ultrapassar a história devido ao ambiente interior e ao imaginário. Não se pode escrever fora da nossa época, mas a mim cabou-me o período do pós-guerra. A sua história é tão fidedel como a que é feita pelos historiadores?

O que quero é mais uma luminosidade que possa clarear certos períodos de Paris na ocupação ou a que eu conheci quando tinha 16 anos, no tempo da guerra da Argélia. Uma Paris crepuscular, que se separou da época precisa e que quase desapareceu. Mesmo que caminhe sempre na Paris do tempo de criança e adolescente que ficou como imaginário no meu pensamento, enquanto certos bairros desapareceram como os conhecia – Pigalle ou os Campos Elísios –, em que nada é mais o mesmo, nem os cafés.

**A sua infância é o verdadeiro livro?**

Tudo o que vivi nesse tempo está nos meus romances, mesmo quando não se refere esse tempo. Ao escrever sobre o passado não está a perder o presente?

Não podemos escapar ao nosso tempo. Era uma época incerta, mas agora também se vive a incerteza.

**Como é atualmente a questão dos imigrantes do Norte de África?**

São situações diferentes, mesmo que haja sempre parecenças neste caso dos imigrantes com o que já se viu no momento da Segunda Guerra Mundial. Que lembram o passado por ser uma repetição, apesar de o mais estranho ser a sensação de me deparar com certos aconteci-

**O que há de novo é a pressão que vem com o Prémio Nobel. É como um choque elétrico**

**A partir do anúncio da Academia Sueca senti que me desdobrei em duas pessoas**

mentos que mostram como o passado e o presente se misturam.

**Tal como na vida política?**

Bastante, mesmo que seja de outra forma, o que assusta mais ainda.

**Ou com esta União Europeia?**

Esse é um terreno onde posso dizer asneiras pois conheço mal. Parece-me uma bela ideia à primeira vista.

**Não se compromete com a atividade política porque?**

A política contém um elemento de superficialidade porque os políticos nunca profundam os temas. Não é por acaso que desconfiamos da política e, no caso da literatura, as relações foram sempre difíceis porque não estão no mesmo plano. E sempre trouxe desgraça aos escritores.

**Falando de escritores, que nomes aprecia na literatura deste tempo?**

Tenho a impressão de que compreendo mal o que se passa em França hoje em dia quando comparo a nossa literatura com a de outros escritores estrangeiros – na Alemanha, em Portugal, em Espanha –, onde há autores que têm uma linha que os orienta. Aos franceses não, talvez por isso esteja mais próximo de escritores da minha geração ou dos de outros países. Não compreendo os franceses porque é tudo muito difuso. Sinto-me mais próximo de António Lobo Antunes, por exemplo, porque o compreendo melhor. Ele é formidável, estou certo de que irá receber o Nobel da Literatura.

**É-lhe fácil encontrar a palavra certa quando escreve?**

É mais uma questão de suprimir, o que é muito diferente do que acontecia ao princípio. Eu estava tão crispado que não regressava à página para abrir um espaço entre as frases e ficava tudo compacto. Ou quando só escrevia duas frases por dia.

**Enquanto escreve é também um leitor?**

O verdadeiro leitor é aquele que nunca escreveu um livro. O leitor nunca se entrega a um livro de maneira inocente. O escritor nunca chega a ser um verdadeiro leitor porque é alguém que está na posição intermédia.

**Vejo que é prisioneiro da literatura. Concorda?**

Sim, mas ao mesmo tempo que é uma prisão também é um terreno livre, de onde se acompanha a vida. Onde se encontra um equilíbrio. Continua a ser assim de cada vez que começa um livro?

Diria que há uma espécie de sonho antes de se começar a escrevê-lo. Quando se o inicia, é como estarmos à volta de um lago e ter medo de mergulhar. É desagradável dar-lhe começo sem se saber para onde se vai, porque parece que estamos a conduzir um carro no meio do nevoeiro e sem qualquer visibilidade. Uma realidade que só se altera ao fim de várias páginas escritas.

**Não seria mais livre se não escrevesse?**

Não, desde jovem que era fascinado pelos escritores e se eles continuam a escrever é porque gostam. Disse-lhe tudo o que queriam! Invejávamos por poderem desembaraçar-se do peso que tinham. Mesmo que haja autores, como o americano J.D. Salinger, que não queria publicar mais porque para ele era doloroso. Só teve serenidade depois de se desembaraçar de alguma coisa.

**O seu último livro era dos mais cinematográficos. Porque?**

Talvez porque muitas vezes ao chegar a uma parte do livro é preciso ter uma visão do que se segue. As vezes preciso de ter uma imagem como se fosse a do princípio de um livro para me lançar na escrita. Uma rapariga de casaco amarelo que se quer encontrar com a mãe... O que posso dizer é que ver os mesmos filmes várias vezes para descobrir todos os pormenores e perceber a sua totalidade deformou-me.

**Porque não escreveu mais dramaturgia?**

Não há assim tantos romancistas que escreveram boas peças de teatro e bons livros. A exceção é Tchekhov, que fez peças magníficas e novelas muito boas. O teatro tem um lado muito estático e necessita de uma mecânica diferente.

**Compôs várias letras para canções e um guião para o filme de Louis Malle, Lucien Lacombe...**

Escrever um argumento de um filme é não passar do esqueleto de uma história. Quanto a fazer letras para canções, isso não é para qualquer um. É difícil ser como Jacques Prevert em *Les Feuilles Mortes*. É como o fado, é preciso algo de muito musical em nós. No entanto, há várias canções que me dão uma pulção para escrever.

**Lamenta que os seus livros não sejam best-sellers?**

Não, porque o Prémio Nobel mostrou-me que o destino de um escritor que tem livros muito fortes é o de ficar marcado por um único título. É o caso de Nabokov e do seu *Invito* ou do Erich Maria Remarque e do seu *A Oeste Nada de Novo*. Prefiro que os livros estejam todos no mesmo plano.

**Uma última pergunta. O que significa para si a palavra obsessão?**

Se não houver um lado obsessivo, o escritor não aguenta escrever um romance e rapidamente desiste. A vida de um escritor é uma obsessão.

**Bibliografia**

1968

É o livro que dá início a uma carreira literária que culminou com o Prémio Nobel da Literatura no ano passado. Retrata e critica o esquecimento dos franceses sobre a ocupação alemã do seu país durante a Segunda Guerra Mundial e a deportação dos judeus.



1997

Tudo começa com um anúncio publicado no jornal *Paris-Soir* de 31 de dezembro de 1974: "Procura-se uma rapariga, Dora Bruder, de 15 anos..." A partir desse momento o narrador persegue a história de Dora Bruder, uma judia que morre em Auschwitz.



2010

Jean Bosmans é um homem frágil e perseguido pelo fantasma da mãe, que se lembra da juventude e das pessoas que foi perdendo. Como Margaret Le Coz, a jovem por quem se apaixonou nos anos 1960 e que um dia desapareceu misteriosamente.



2014

A personagem Jean Daragane viveu a infância em Saint-Leu-la-Forêt. Aos 60 anos, vive de forma solitária e sem distrações até ao dia em que o telefone toca. O aparecimento de uma velha agenda telefónica em que figura o nome de Guy Torstel muda tudo.

